

# I

## A PEQUENA DIFERENÇA

*O lugar vazio*  
*Os prosodismos*  
*Natureza e discurso*  
*Eles que se virem!*  
*A modalidade e a negação*

Eu poderia deixar de lado o meu título, que daqui a pouco vocês verão o que quer dizer. Mas, por uma questão de gentileza, já que ele foi feito para atrair, vou introduzi-lo por um comentário. Talvez alguns de vocês tenham compreendido: ...*ou pior* é, em suma, o que sempre posso fazer. Basta eu lhes mostrar isto para entrar no âmbito do assunto.

Mas, para não ficar no sentido, que, como todo sentido, é uma opacidade, comentarei textualmente este título. Ocorreu a alguns lerem-nos mal. Acharam que era ...*ou o pior*. Não é a mesma coisa, de modo algum. *Pior* é o que chamamos um advérbio, como *bem* ou *melhor*. Dizemos *eu vou bem*, dizemos *eu vou pior*.

É um advérbio, mas disjunto. Disjunto de algo que é chamado a ocupar um lugar – o verbo, justamente, que aqui é substituído por três pontos. Esses três pontos se referem ao uso comum dos textos impressos – o que é curioso – para marcar ou criar um lugar vazio.

Meu título enfatiza a importância desse lugar vazio, e demonstra igualmente que essa é a única maneira de dizer alguma coisa com a ajuda da linguagem.

## 1

A observação de que o vazio é a única maneira de agarrar algo com a linguagem permite-nos, justamente, penetrar na natureza desta última.

Vocês sabem que, a partir do momento em que a lógica veio a confrontar-se com algo que sustenta uma referência de verdade, ela produziu a ideia da variável.

Estou falando da variável aparente. A variável aparente  $x$  constitui-se de que o  $x$  marca um lugar vazio naquilo de que se trata. A condição para isso funcionar é que coloquemos exatamente o mesmo significante em todos os lugares reservados vazios. Essa é a única maneira de a linguagem chegar a alguma coisa, e foi por isso que me expressei nesta formulação – *não existe metalinguagem*.

O que significa isso? Dizendo-o, eu pareceria estar apenas formulando um paradoxo, pois de que lugar eu diria? Como o digo na linguagem, já seria suficiente afirmar que há um no qual posso dizê-lo. Nada feito. Todas as vezes que se trata de lógica, é necessário que a metalinguagem seja elaborada como uma ficção. Ou seja, que forjemos no interior do discurso aquilo a que se chama uma linguagem-objeto, mediante a qual é a linguagem que se torna *meta*. Estou falando do discurso comum, sem o qual sequer existe meio de estabelecer essa divisão. *Não existe metalinguagem* nega que essa divisão seja sustentável. A formulação forclui na linguagem que exista discordância.

Então, o que ocupa esse lugar vazio no título que produzi para prender vocês? Eu disse que era forçosamente um verbo, já que há um advérbio. Só que elidir um verbo com os três pontos é a única coisa que não se pode fazer na linguagem, a partir do momento em que a interrogamos como lógica.

No caso, o verbo não é difícil de encontrar: basta trocar a letra que começa a palavra *pior* [*pire*], o que dá *dizer* [*dire*]. Só que, na lógica, o verbo é precisamente o único termo do qual não se pode fazer um lugar vazio. Com efeito, quando de uma proposição vocês tentam fazer uma função, é o verbo que cria a função, e é daquilo que o cerca que vocês podem fazer um argumento. Logo, ao esvaziar esse verbo, faço dele um argumento, isto é, uma substância. Não é *dizer*, mas *um* dizer.

Esse dizer, que retomo do meu Seminário do ano passado, exprime-se, como todo dizer, numa proposição completa – *não existe relação sexual*. O que o meu título deste ano propõe é que não há ambiguidade – ao sair disso, vocês só farão dizer pior.

*Não existe relação sexual* propõe-se como verdade, portanto. Mas da verdade eu já disse que ela só pode meio-dizer-se. Logo, o que estou dizendo é que se trata, em suma, de que a outra metade diz pior. Se não houvesse pior, como isso simplificaria as coisas!

A questão é saber se isto já não as simplifica. Uma vez que parti daquilo que posso fazer, e que é justamente o que não faço, isto não basta para simplificá-las? Só que, vejam, não é possível que eu não possa fazê-lo, esse pior, exatamente como todo o mundo.

Quando digo que *não há relação sexual*, formulo, muito precisamente, esta verdade: que o sexo não define relação alguma no ser falante.

Não é que eu negue a diferença que existe, desde a mais tenra idade, entre o que chamamos de uma menina e um menino. É inclusive daí que parto. Captem desde já, que quando parto daí vocês não sabem do que estou falando.

Não estou falando da famosa pequena diferença, que é aquela a respeito da qual parecerá a um dos dois, quando estiver sexualmente maduro, que soltar vivas é absolutamente da ordem do dito espirituoso, do chiste. Viva a pequena diferença! O simples fato de isso ser engraçado bastaria para nos indicar que denota, que faz referência à relação complexual com esse órgão, uma relação toda inscrita na experiência analítica e à qual fomos levados pela experiência do inconsciente, sem o qual não haveria o chiste.

A pequena diferença já é destacada desde muito cedo como órgão, o que já é dizer tudo – *organon*, instrumento. Será que um animal tem ideia de que possui órgãos? Desde quando já se viu isso? E para quê? Por acaso bastaria enunciar que *todo animal* – falei disso noutro lugar, aqui vou dizê-lo de outra maneira, é uma maneira de retomar o que enunciei recentemente a propósito da suposição do chamado gozo sexual como instrumental no animal –, *todo animal que tem pinças não se masturba*? Essa é a diferença entre o homem [*homme*] e a lagosta [*homard*]. Aí está. Isso sempre faz seu efeitozinho.

E assim lhes escapa o que esta frase tem de histórico. Não é, em absoluto, por causa do que ela assevera – não digo nada além disto, ela assevera –, mas da questão que ela introduz no nível da lógica. Fica escondido, não é? A coisa que vocês não viram é que ela contém o *não-todo*, que, de maneira muito precisa e muito curiosa, é aquilo que escapa à lógica aristotélica, na medida em que ela produziu e destacou a função de prosdiorismos, que não são outra coisa senão o que vocês já sabem, isto é, o uso de *tudo/todo*, πᾶν, e de *algum(ns)*, τί, em torno do qual Aristóteles dá os primeiros passos da lógica formal.

Esses passos são prenhes de consequências. Foram eles que permitiram elaborar o que chamamos de função dos quantificadores. É com o *todo* que se estabelece o lugar vazio de que falei há pouco. Ao comentar a função da asserção em relação a uma função  $f(x)$  verdadeira ou falsa, alguém como Frege não deixa, para que o  $x$  tenha existência de argumento – aqui colocado neste espacinho côncavo, imagem do lugar vazio –, de colocar na frente algo que é chamado de *todo*  $x$ , que convém à função.

$$\vdash \underbrace{\quad}_x \Phi(x)$$

*Begriffsschrift*

A introdução do *não-todo* é essencial aqui. O *não-todo* não é essa universal negatizada. O *não-todo* não é *nenhum* [*nul*], ou seja, não se trata de que *nenhum animal que tem pinças se masturba*, é um *não todo animal que tem pinças* que é exigido pelo que vem em seguida. Há órgãos e órgãos, assim como uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, aquele que bate e aquele que apanha. E isso nos leva ao cerne de nosso problema.

De fato, vocês estão vendo que, ao simplesmente esboçarmos o primeiro passo, vamos deslizando assim, sem sequer termos tido tempo de nos virarmos, para o centro de alguma coisa a que uma máquina nos leva. É a máquina que eu desmonto. Mas – faça esta observação para uso de alguns – não é para demonstrar que se trata de uma máquina, muito menos para que um discurso seja tomado por uma máquina de discursos, como fazem alguns quando querem, justamente, discorrer sobre o meu. Nisso, o que demonstram é que não discorrem sobre o que faz um discurso, ou seja, o real que nele se esgueira. Desmontar a máquina não é, de modo algum, o mesmo que acabamos de fazer, isto é, ir sem maior cerimônia ao furo do sistema, ou seja, ao real que nele passa – e como passa!, já que ele os achata.

Naturalmente, eu, por mim, gostaria, gostaria muito, gostaria muito mais, gostaria de salvar a canalhice natural de vocês, que é justamente o que há de mais simpático, mas que, infelizmente, infelizmente, sempre recomeçando, como diz o outro, acaba por se reduzir à burrice, pelo próprio efeito desse discurso que é o que eu demonstro. No que vocês devem sentir num instante que há pelo menos duas maneiras de demonstrá-lo, esse discurso – permanecendo em aberto que a minha, como maneira, seja ainda uma terceira.

Não convém me forçarem a insistir nessa energética da canalhice e da burrice, às quais nunca faço senão alusões distantes. Do ponto de vista da energética, é claro, ela não se sustenta. É puramente metafórica. Mas é daquele veio de metáforas com que o ser falante subsiste, ou seja, constitui para ele o pão e o fermento.

Eu lhes pedi perdão, portanto, quanto à questão da insistência. É na esperança de que a teoria venha supri-la. Vocês compreendem a ênfase do subjuntivo. Eu o isolei porque ele poderia ter sido encoberto pela ênfase interrogativa. Pensem nisto tudo no momento em que acontece, e especialmente para não deixarem escapar o que vem aí, ou seja, a relação do inconsciente com a verdade.

A boa teoria é aquela que desbrava o mesmo caminho em que o inconsciente ficou reduzido a insistir. Ele já não teria que fazê-lo, se o caminho estivesse bem aberto, mas nem assim isso quer dizer que tudo estaria resolvido, muito pelo contrário. Uma vez que a teoria daria esse bem-estar, ela mesma deveria ser leve, leve a ponto de nem parecer ter algo a ver com isso. Deveria ter a naturalidade que, até hoje, somente os erros têm. Nem todos, é claro, mais uma vez. Mas será que isso torna mais certo haver alguns que sustentam essa naturalidade que em tantos outros é de fachada?

Afirmo que, para que estes, os outros, adotem fachada [*semblant*], proponho ser preciso que desses erros, para sustentar a naturalidade, haja ao menos um, *aomenozum*. Reconheçam o que já escrevi no ano passado, com uma terminação diferente, a propósito da histórica e do *aomenozum* que ela exige.\* Esse *aomenozum*, seu papel não pode ser mais bem-sustentado senão pela própria naturalidade.

Foi nisso que neguei, no começo, a diferença que existe, claramente perceptível já desde a mais tenra idade, entre a menina e o menino. Essa diferença que se impõe como inata é, com efeito, muito natural. Corresponde ao que há de real no fato de que, na espécie que se auto-denomina *homo sapiens* – filha de suas obras, nisso como em muitas outras coisas –, os sexos parecem dividir-se em dois números mais ou menos iguais de indivíduos. Bem cedo, mais cedo do que se espera, esses indivíduos se distinguem, isso é certo.

---

\* Nesta passagem e no que segue, Lacan aborda o “ao menos um” da exceção a partir da noção de “erro”, vertendo-o como “ao menos uma”, pois o termo em francês é de gênero feminino. A aproximação que o termo sugere entre a exceção e a mulher perde-se na tradução. (N.T.)

Só que, como assinalei, isso não faz parte de uma lógica. Eles só se reconhecem como seres falantes ao rejeitarem essa distinção através de toda sorte de identificações, as quais é moeda corrente da psicanálise perceber que constituem a mola mestra das fases de cada infância. Mas isto é um simples parêntese.

Dentro da lógica, o importante é que eles se distinguem. Eu não o negava, mas isso é um deslizamento. O que eu não negava, justamente, não é isso. *Nós* os distinguimos, não são *eles* que se distinguem.

É assim que dizem: – *Ah, um verdadeiro homenzinho!, logo se vê que é completamente diferente da menina, é inquieto, indagador, já carente de gloriolas.* A menina está longe de se parecer com ele. Já não pensa senão em brincar com essa espécie de leque que consiste em enfiar a cara num buraco e se recusar a dizer bom-dia. Só que, vejam, ninguém se deslumbra com isso senão por ser exatamente assim que será mais tarde, isto é, conforme ao tipo característico do homem e da mulher, tais como eles se constituirão a partir de algo completamente diferente, a saber, da consequência, do preço que terá adquirido, na continuação, a pequena diferença.

Desnecessário acrescentar que a pequena diferença – viva! – já está presente para os pais há um bom tempo, e pode já ter surtido efeitos na maneira como foram tratados o rapazinho e a mocinha. Isto não é certeza, nem sempre é assim, mas não é preciso isso para que o juízo de reconhecimento dos adultos circundantes se apoie num erro. Esse erro consiste em identificá-los, sem nenhuma dúvida, por aquilo pelo qual eles se distinguem, mas em reconhecê-los somente em função de critérios formados na dependência da linguagem, se admitirmos que, como proponho, é justamente porque o ser é falante que existe o complexo de castração. Acrescento isto para insistir, para que vocês compreendam bem o que quero dizer.

É aí que o *aumenozum*, por engano, torna consistente a naturalidade, aliás incontestável, da vocação prematura, se assim posso me expressar, que cada um sente para o seu sexo. Aliás, convém acrescentar que, nos casos em que essa vocação não é patente, isso não abala o erro, já que este pode facilmente completar-se ao ser atribuído à natureza como tal, e não menos naturalmente. Quando isso não funciona, diz-se da menina que é um “quase menino” [*garçon manqué*], que faltou pouco para ser menino,\* não é?, e, nesse caso, a falta, o quase, tem toda a

---

\* A expressão francesa é “*c’est un garçon manqué*”, que corresponde a “um menino malogrado” ou, ao pé da letra, a “um menino a quem falta algo”. É a essa falta [*manqué*] que Lacan se refere a seguir. (N.T.)

facilidade para ser considerada bem-sucedida, na medida em que nada impede que lhe imputemos, a essa falta, um suplemento de feminilidade. A mulher, a verdadeira, a mulherzinha, esconde-se justamente atrás dessa falta. Esse, aliás, é um requinte em plena conformidade com o que nos ensina o inconsciente, que nunca acerta tanto quanto ao errar [*rater*].

Nessas condições, para ter acesso ao outro sexo, realmente é preciso pagar o preço, o da pequena diferença, que passa enganosamente para o real por intermédio do órgão, justamente no que ele deixa de ser tomado como tal e, ao mesmo tempo, revela o que significa ser órgão. Um órgão só é instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante.

É como significante que o transexual não o quer mais, e não como órgão. No que ele padece de um erro, que é justamente o erro comum. Sua paixão, a do transexual, é a loucura de querer livrar-se desse erro, o erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado. O transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual, o qual, como enunciado, é impossível. Existe apenas um erro, que é querer forçar pela cirurgia o discurso sexual, que, na medida em que é impossível, é a passagem do real.

Isto é a mesma coisa que enunciei, não faz muito tempo, num certo programa para um congresso sobre a sexualidade feminina. Somente – disse eu, para os que sabem ler, é claro –, somente a homossexual, escrevam no feminino, sustenta o discurso sexual com toda a segurança.

Foi por isso que invoquei a liberação das Preciosas, que, como vocês sabem, continuam a ser um modelo para mim. As Preciosas, digamos, definem admiravelmente o *excesso homo* – permitam-me deter aí a palavra –, o *Ecce homo* do amor. É que elas não correm o risco de tomar o falo por um significante. *Fi-donc!*  $\phi$ -*donc!*\* Ora, signi- $\phi$ -que! Só quebrando o significante em sua letra damos conta dele.

Mas é uma pena que isso ampute para ela, a homossexual, o discurso psicanalítico. É que esse discurso, isto é fato, coloca-as, as queridíssimas, numa cegueira total quanto ao que vem a ser o gozo feminino.

Ao contrário do que se pode ler num célebre drama de Apollinaire, aquele que introduziu a palavra *surrealista*, Teresa corresponde

---

\* Lacan joga com a locução francesa *fi donc!*, usada interjetivamente para expressar desdém, nojo ou reprovação (como “arre”, “eca” e similares em português), e o nome da letra grega  $\Phi$  (fi). (N.T.)

a Tirésias – acabei de falar em cegueira, não se esqueçam – não por soltar, mas por recuperar os chamados *dois pássaros de sua fraqueza* – cito Apollinaire, para os que não o tiverem lido –, ou seja, os pequenos e grandes balões que os representam no teatro e que são, talvez – digo *talvez* porque não quero desviar sua atenção, contento-me com um talvez –, aquilo graças a que a mulher só saiba gozar numa ausência.

A homossexual não está ausente, em absoluto, no que lhe resta de gozo. Repito: isso lhe facilita o discurso do amor. Mas é claro que a exclui do discurso psicanalítico, que ela mal pode balbuciar.

## 2

Tentemos ir adiante.

Em vista da hora, só poderei indicar rapidamente, no tocante a tudo o que se coloca como relação sexual, instituindo-a por uma espécie de ficção chamada casamento, que seria uma boa regra o psicanalista dizer-se, quanto a esse ponto – eles que se virem como puderem.

Essa é a regra que ele segue na prática. Ele não o diz, nem sequer *a si mesmo*, numa espécie de falsa vergonha, por se acreditar no dever de amenizar todos os dramas. É uma herança de pura superstição. Ele banca o médico. O médico nunca se arvorou a assegurar a felicidade conjugal. Mas, como o psicanalista ainda não se apercebeu de que não existe relação sexual, o papel de protetor dos casais o obceca.

Tudo isso – o falso pudor, a superstição, a incapacidade de formular uma regra precisa sobre esse ponto, esta que acabo de enunciar ao dizer *eles que se virem* – decorre do desconhecimento disto que sua experiência lhe repete, lhe repisa, eu até poderia dizer: que não existe relação sexual.

Convém dizer que a etimologia de repisar [*seriner*] nos conduz diretamente a *sereia* [*sirène*].\* Isso é textual, está no *Dicionário etimológico*, não sou eu que me entrego aqui a um canto análogo.

Sem dúvida é por essa razão que o psicanalista, como fez Ulisses em tal conjectura, fica preso a um mastro. Naturalmente, para que

---

\* Nosso vocábulo mais próximo para traduzir *seriner* seria o verbo *seringar*, em sua acepção de apoquentar, importunar, enfadar, sobretudo com a fala, mas sua origem etimológica em português não é a mesma de *sereia*. (N.T.)